

Pela paz em Moçambique

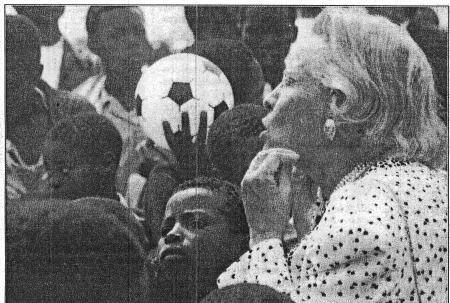
Maria Barroso regressa a África

A mulher do Presidente da República admite encontrar-se com o presidente da Renamo desde que isso sirva «para ajudar quem sofre»

MARIA Barroso, que concluiu a semana passada uma visita «humanitária» a campos de refugiados na fronteira de Moçambique com a África do Sul, já pensa em regressar de novo à região: «Logo que possa quero ir ver outros campos de refugiados, nos outros países limítrofes de Moçambique», designadamente no Zimbabwe e no Malawi.

Convidada pelas Conferências Episcopais Católicas de Moçambique e da África do Sul, Maria Barroso esteve em Kangwane, onde se encontrarão cerca de 200 mil refugiados moçambicanos fugidos à guerra. São, porém, considerados emigrantes ilegais, estando sujeitos a ser enviados para o sítio de onde vieram, na certeza de que de novo tentarão dar o salto.

Aí, em território sul-africano, o padre Le Scour dirige um projecto de criação de escolas



Maria Barroso com refugiados moçambicanos
«Sempre que solicitam a minha presença, estou disposta a ajudar»

João Seabra, muito ligados a grupos de jovens, no envio de voluntários para aquela região.

Tanto em Moçambique como na África do Sul, a mulher do Presidente da República foi sempre acompanhada pelo cardeal Alexandre dos Santos, arcebispo do Maputo, «um gesto de consideração e de apoio», revelador da importância conferida à iniciativa da primeira-dama portuguesa.

De resto, Maria Barroso conseguiu reunir à sua volta uma rara unanimidade, uma vez que, tanto o presidente Chissano como o presidente da Renamo (Resistência Nacional Moçambicana), Afonso Dhlakama, apoiaram publicamente a sua visita. Dhlakama fez-lhe numa mensagem enviada através da Igreja.

«Se de um lado se congratulam e do outro lado também, é sinal de que estou no caminho certo», observou.

Baseando-se numa mensagem enviada por fax pelo padre Le Scour, Maria Barroso pensa que terá deixado uma semente de concórdia na fronteira de Ressano Garcia.

«Existe a possibilidade de criar uma zona de paz naquela parte do país. Isto é como as nódoas que alastram. Esta é uma nódoa positiva que pode alastrar-se por inspiração, por dinâmica aos outros pontos do país.»

A Igreja não só tem uma presença muito activa no terreno como é, juntamente com o governo italiano, a principal mediadora nas conversações entre o governo de Moçambique e a Renamo que, segundo uma fonte deste movimento, deverão ser retomadas em Roma, no início de Outubro.

Grupo de 20 cria organização de refugiados

Ângelo d'Almeida Ribeiro é o presidente do Conselho de Fundadores de uma nova associação de refugiados

JOSÉ Luis Judas, António Guterres e Sá Machado são alguns dos fundadores do novo Conselho Português para os Refugiados, cuja escritura é assinada hoje, sexta-feira.

Entre os 20 membros do Conselho de Fundadores estão também Vítor Ramalho (assessor de Soares), Nascimento Rodrigues (PSD), Neves da Silva (Parlamento Europeu), Luís Moita (CIDAC) e Vítor Melícias (Provedor da Santa Casa da Misericórdia).

Trata-se de uma organização de carácter

Maria Barroso iniciou a sua deslocação pelo Maputo, onde teve uma conversa de mais de duas horas com Joaquim Chissano. Ao contrário do que estava previsto, o presidente de Moçambique fez questão em deslocar-se à residência onde ficou instalada a mulher de Mário Soares.

Sem entrar em pormenores sobre o diálogo com Chissano, Maria Barroso revelou-nos que ele «falou das suas apreensões, das suas angústias em relação ao futuro, se não se encontrar rapidamente o caminho da paz».

Recusa ter uma «função ornamental», diz-se «cidadã livre de um país livre», fala com presidentes e com altos dignitários da Igreja Católica, mas evita cuidadosamente qualquer sugestão que a possa colocar como alvo de acusações de «diplomacia paralela». Não vai além da verificação de que «nós, os portugueses, talvez estejamos bem colocados» para dizer às duas partes, isto é, à Frelimo e à Renamo, que façam «um grande esforço para se entenderem, para cedermos de parte a parte, no sentido de se encontrar uma plataforma de paz».

De resto, comunicou previamente a visita aos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Educação, bem como ao cardeal-patriarca.

Quanto a um eventual encontro com o presidente da Renamo numa próxima deslocação à região, apenas adianta:

«Não tenho nada programado, mas sempre que solicitarem a minha presença para poder ajudar os outros, eu estou disposta a ajudar quem sofre e quem chora neste momento.»

P.V.

'O meu marido já não precisa de votos'

Em Joanesburgo e noutros pontos da África do Sul, Maria Barroso foi encontrar a comunidade portuguesa «inquieta por causa de toda aquela perambulação, a modificação do país». Apesar dessa situação, a mulher do Presidente da República considera que foi muito bem recebida.

«Eles perceberam-me perfeitamente, sabem que eu não ia buscar votos, porque não preciso nem o meu marido já precisa mais de votos, entenderam aquilo que eu disse, foram de uma generosidade extrema e tiveram gestos de grande solidariedade em relação aos refugiados», sublinhou Maria Barroso, que, foi, ainda, convidada da sr.^a De Klerk para tomar chá em Pretória. A mulher do presidente sul-africano ofereceu-lhe o seu apoio «sobretudo no sector da educação em relação aos refugiados».

para ensino do Português e de artes e ofícios, significativamente baptizado de «Masungulo», que quer dizer «O Princípio». Do outro lado fica Ressano Garcia. Com o assentimento do presidente Joaquim Chissano, Maria Barroso atravessou a fronteira para visitar aquela vila, cujas comunicações com o Maputo estão praticamente cortadas e onde as condições de vida são indescritíveis. Ainda na região de Kangwane, deslocou-se ao mercado de Mbuzini, onde, segundo «O Século de Joanesburgo», adquiriu duas capulanas. Comerciantes moçambicanos da Namaacha vão ali vender os seus produtos. Deixam os documentos no controlo da fronteira, recuperando-os no regresso. Perto é visível a barreira de arame electricificado contra a qual terminou, de forma trágica, a tentativa de fuga de muitos moçambicanos, da guerra, da fome ou do banditismo.

«Também vi a rede electricificada. Não quis tirar fotografias para não ferir susceptibilidades, visto terem-me dito ser proibido», disse Maria Barroso ao referido jornal.

O padre Le Scour, a pedido do cardeal Alexandre dos Santos, vai estender a sua acção a Ressano Garcia. Entre os seus colaboradores, conta-se António Pacheco, um jornalista da Rádio Renascença, originário de Moçambique, em situação de licença sem vencimento.

«Foi uma das pessoas que mais me sensibilizou pelo trabalho que ali está a fazer», disse Maria Barroso, que pretende obter o empenho do dr. Fernando Nobre (AMI — Acção Médica Internacional) e dos padres Vaz Pinto e

privado, que visa completar a acção do Alto Comissariado da ONU para os Refugiados, o qual tem sofrido, nos últimos anos, severos cortes orçamentais.

«Portugal era o único país comunitário que ainda não dispunha de uma organização não-governamental como esta», explicou a «O Jornal» Teresa Tito de Moraes, principal dinamizadora do projecto.

De acordo com os estatutos, este conselho destina-se fundamentalmente a dar apoio humanitário a refugiados, asilados, apátridas e minorias étnicas.

«A associação desenvolverá a sua actividade — explicam os estatutos — no âmbito da assistência social, apoio jurídico, gestão de projectos de integração e acções de repatriamento ou reinstalação».

Além disso, esta nova organização tenciona proceder à formação de quadros, «para apoiar a refugiados em Portugal e no estrangeiro».